

Pós-história e meio ambiente.

(Para Cenafor)

Definir o meio ambiente, seja no significado filosófico de "mundo vital no qual estamos", seja no significado bio-político de "ecossistema no qual vivemos", seja em não importa que significado que queiramos dar ao termo, é tarefa que exige distinguirmos entre natureza e cultura. Nada direi quanto ao termo "cultura", porque enfrentarei o bicho durante o nosso próximo encontro, sem nutrir otimismo de poder apanhá-lo. No entanto, quanto ao termo "natureza", gostaria dizer algumas palavras: Por certo, não para lhes dizer o que é <sup>natureza</sup> ~~natureza~~. Escrevi livro, ("Naturalmente"), cujo propósito é o de sugerir que há praticamente infinitas avenidas de acesso ao conceito "natureza". Mas para lhes propôr o seguinte acôrdo: Concordemos, pela duração desta nossa reunião, que há mutação na nossa maneira de vêr as coisas, (mutação que proponho chamarmos "passagem da história para a pós-história"), que nos obriga abandonarmos a visão histórica da natureza, isto é: que nos obriga considerar o conceito "história natural" co conceito vasia. E justifico a minha proposta pela reflexão seguinte:

Para a visão histórica o homem é ente agente, e sua ação é fundamentalmente dirigida contra a natureza, no sentido de conjunto de dados. A finalidade da ação é transformar dados em feitos, ("data" em "facta"), ao imprimir sobre os dados formas que os tornem "valerosos". "História" é precisamente isto: acumulação linearmente progressiva de feitos, ("res gestae"). Pois tal modelo linearmente cumulativo de "valores", (de informações impressas sobre dados), é atualmente insustentável. E que seja apenas por não tomar em conta o fator "esquecimento". Não tomar em conta que os feitos todos serão esquecidos, serão de feitos, e voltarão para o reino dos dados. Pois se admitirmos o fator "esquecimento", se admitirmos que todo valor virará desvalor, que não apenas esta casa, este mesa, este livro, mas culturas inteiras precedentes, atuais e futuras serão reduzidas ao pó amorfodo cáos, estaremos obrigados a deixar cair o modelo linearmente cumulativo, e optar por modelo circularmente repetitivo. Isto é: a natureza enquanto conjunto de dados não mais é vista como ponto de partida, ("m<sup>te</sup>ria prima"), mas igualmente como ponto de retorno, ("Matéria última"), de toda ação humana, (de todo "trabalho criativo"). Isto implica, não apenas abandonar a moral burguesa fundada sobre trabalho e obra, mas sobretudo abandonar a antropologia do "homo faber". E implica também em visão da natureza enquanto tendência rumo ao esquecimento da informação contida no seu programa inicial, rumo à "morte térmica", com as várias histórias, naturais e culturais, sobrepostas em epíclis sobre tal tendência inexorável.

Pois se <sup>admitimos</sup> tal modelo circular, o nosso meio ambiente se nos afigurará como ronda, na qual dados naturais vão sendo transformados em feitos culturais, e os feitos por sua vez em dados da natureza. Os problemas postos por tal ronda, tal ciclagem, são de duas ordens: (1) taxonômica, e (2) rítmica. Trata-se de distinguir, em tal ciclo, as regiões de passagem de natureza em cultura, as dos semi-acabados, e as regiões de passagem de cultura em natureza, as do lixo. E trata-se de constatar, e se possível regular o ritmo da circulação do meio-ambiente. Tais problemas não são meramente técnicos, mas envolvem a existência toda, com suas dimensões políticas, artísticas e religiosas, e serão os problemas centrais do futuro.

(1) Para o homem a natureza é como é, é "dada". Por isto ela é "isenta de valores", e as ciências da natureza procuram, nas suas proposições, preservar tal isenção de valores. Toda valorização da natureza do tipo "ela é boa ou cruel", ou "ela é bela ou terrificante", é erro antropomorfizante. Há, na consciência humana, capacidade para formular valores, imperativos. Capacidade para formular como deve ser a coisa. Todo engajamento humano visa fazer com que o dado, (o qual é como é), seja como deve ser, (feito). A natureza é pois o conjunto de dados que são como são, e não como devem ser, um desafio, (objeto problema), dentro do qual fomos lançados. Ao imprimirmos o dever-ser, o valor, sobre dado após dado, visamos criar o conjunto de feitos que são como devem ser, o conjunto da cultura. Pois nesse gesto de impressão de valores sobre dados, (gesto este chamado "trabalho"), dois <sup>novos</sup> aspectos estão se revelando: (a) o gesto é automatizável, e pode ser executado por instrumentos inteligentes, e (b) é gesto paulatino, subdivisível em átomos de gesto, em actomas. O que aqui interessa é o segundo aspecto. Há toda uma série de coisas em nosso torno que ainda não são como devem ser, mas já não são como eram antes da presença do homem, coisas semi-acabadas, apenas parcialmente "informadas" pelo gesto do trabalho. Há gente que afirma ser a enorme maioria daquilo que costumamos chamar "natureza" deste tipo: já não mais dado e ainda não feito. "Work in progress". Terreno intermediário entre natureza e cultura. Exemplos: a Lua, a informação genética de animais domesticados, inclusive do próprio homem, o terreno da meteorologia. A região dos semi-acabados exige concentração de interesse, já que constitui parte apreciável do meio ambiente.

O produto, uma vez acabado, (isto é: transformada a natureza em cultura, aquilo que era como era informado para ser como deve ser,) fica imediatamente sujeito ao princípio do consumo, (do segundo em termodinâmica). A informação impressa sobre a coisa, o seu valor, vai ser consumida, seja pelo uso humano, seja naturalmente. Destarte surge o terreno das coisas semi-desinformadas, das que já não são mais como devem ser, mas ainda não são como eram antes de terem sido valorizadas. O terreno do lixo. Pois acontece que tal terreno do lixo não pode ser definido simplesmente como o dos valores em decomposição, porque se infiltra no terreno dos valores, da cultura. Deve ser definido como terreno dos anti-valores. O lixo é como não deve ser, porque problematiza os valores realizados em cultura. Todos estes sapatos deformados, essas garrafas plásticas na praia, todo esse Kitsch, essas ideologias mal digeridas, esses complexos mal reprimidos se afiguram como monstros que devoram valores em vez de voltarem para a natureza, (exemplo: nazismo). De forma que o lixo, esse terreno de transição entre cultura e natureza, e que constitui provavelmente a parte mais importante do meio ambiente, (exemplo: a cidade de S. Paulo), vai concentrar o interesse mais intenso da política, da técnica, da pesquisa e da arte futuros.

O meio ambiente se afigura, pois como círculo "natureza - semi-acabados - cultura - lixo - natureza". Não bastará pois, no futuro, dividir-se a pesquisa em ciências da natureza e as da cultura, divisão esta característica do historicismo. Serão necessárias, igualmente, ciências dos semi-acabados e do lixo. Nada direi quanto às ciências dos semi-acabados, porque não me deixarei levar para a futurologia, e apelo à sua fantasia. Quanto às ciências do lixo, as que remexem o fundo lamacento sobre o qual pisamos, estas já estão ocupando o centro

da cena. Exemplos: arqueologia, etimologia, psicanálise, e parte apreciável da ecologia. Tal nostalgia de la boue é sumamente característica da passagem da história para a pós-história, e seu impacto ficará mais claro quando agora passarei a falar no segundo aspecto do modelo circular do meio ambiente.

(2) O meio ambiente circula, e tal circulação é, em tese, controlável tanto no que diz respeito à sua rapidez, quanto no que diz respeito à direção que toma. Como efeito, tal regulamento do meio ambiente, tal programação, será o equivalente ao conceito "governo", (de "kybernein"), na sociedade pós-histórica do futuro. Será possível regular a transformação da natureza em cultura, com passagem acelerada pelo terreno dos semi-acabados, e será possível regular a passagem da cultura para a natureza, com passagem acelerada pelo terreno do lixo. E será igualmente possível inverter-se o curso do meio ambiente, por exemplo por reciclagem de lixo em cultura. Embora as primeiras experiências com tal programação estejam atualmente empreendidas, tal canalização deliberada da circulação do meio ambiente não passa de utopia. O que está acontecendo é, pelo contrário gigantesco "enboutillage" no terreno do lixo. Tal acúmulo do que é como não deve ser tem duas explicações, uma independente da outra. Ambas merecem ser rapidamente consideradas:

A revolução industrial multiplicou a quantidade dos produtos disponíveis. O método desse milagre da multiplicação dos pães e peixes é a elaboração de protótipos que podem ser estereotipados. A informação, o valor, do produto é elaborado humanamente, (protótipo), para poder ser re-impressa <sup>milhares de vezes</sup> sobre multiplicidade de feitos, (estereótipos). A sede do valor está no protótipo, (guardado na memória da indústria), e os produtos distribuídos contêm pouco valor, são baratos. Seu propósito é serem consumidos, isto é: devolvidos rapidamente para a natureza. A tarefa da sociedade é consumir tais produtos, apagar a informação neles contida. Pois malgrado a multiplicação dessa sociedade, (explosão demográfica), esta se vê incapacitada para destruir as informações disponíveis com a rapidez correspondente à da produção, e passa portanto a consumir mal, deixando restos de informação nos produtos eliminados. De modo que o lixo, este montão de informação barata semi-consumida, está se acumulando.

O engajamento do homem-agente é imprimir informações sobre dados de forma mais indelével possível. Busca imortalidade na obra: aere perennius. A busca de imortalidade do homo faber é, entre outras coisas, busca de matéria prima que quando informada se recusa a voltar para a natureza. Exemplo: bronze. Pois ultimamente se conseguiu produzir materiais muito resistentes à desinformação: plásticos, químicos, (por exemplo radio-ativos), e sobretudo psíquicos, (subconscientes). Mas tais materiais, embora atrazem a volta da obra para a natureza, permitem ser parcialmente des-informados, e vão constituindo um núcleo praticamente indestrutível de lixo. Exemplos: garrafas plásticas, lixo atômico ou o de Seveso, e preconceitos e ideologias. Embora se possa querer mergulhar tal núcleo nas profundezas do mar ou da psique, tal anti-valor vai continuar a problematizar a cultura, enquanto busca de imortalidade, e enquanto terreno de valores, porque demonstra que o engajamento em valores produz anti-valores, e que a busca de imortalidade pode levar ao inferno, a busca de fama à infâmia.

O que acabo de esboçar em linhas demasiadamente rápidas deve permitir localizarmos os movimentos ecolos, econuts, verdes e alternativos na cena da atualidade. Mas não foi com este propósito que submeti minhas reflexões à consideração crítica dos senhores. Foi para abrir campo para a discussão da crítica da cultura, ("Kulturkritik"), em sentido radicalmente anti-frankfurtiano, isto é: para a crítica da cultura dos objetos, que deve se fazer aqui na próxima segunda-feira. Porque creio que nada comprêremos da tendência atual para o desprezo da obra sem termos considerado o meio ambiente em seu aspecto mais característico, o seu aspecto lixo.